

Atualidade econômica

Hoje, reunião para acertar economia Brasil

O presidente José Sarney comanda hoje uma reunião com os ministros da área econômica e seis economistas especialmente convidados, representando correntes diversas do pensamento econômico do País. Oficialmente, a reunião na Granja do Torto, que deve durar das 8 às 17 horas, servirá para o presidente da República ter uma idéia mais abrangente das questões econômicas. De fato, será colocada em discussão a política econômica da Nova República.

O PMDB estará representado por dois economistas da Unicamp, Luiz Gonzaga Beluzzo e João Manoel Cardoso de Mello, críticos contundentes da atual estratégia econômica. Ambos, a exemplo do secretário de Planejamento de São Paulo, José Serra, insistem na inconsistência das medidas até aqui adotadas, como a alteração na fórmula da correção monetária — que teria causado um prejuízo de Cr\$ 40 trilhões ao governo —, a renegociação da dívida externa e, mesmo, a incompatibilidade entre controle de preços e taxa de juros.

A Frente Liberal terá, entre os economistas, o professor Mario Henrique Simonsen, ex-ministro do Planejamento e da Fazenda, que na quinta-feira foi incisivo ao condenar a nova República pela indefinição de uma política econômica. Na prática, porém, Simonsen propõe o mesmo remédio que a Nova República, por intermédio do ministro Francisco Dornelles, da Fazenda, está tentando impor: corte de despesas e aumento de impostos, para cobrir o déficit público.



Dornelles defende cortes

Simonsen pede definição

Belluzzo vê inconsistência

Certamente, será um debate rico. Beluzzo, através das páginas de uma revista, toda semana critica o ministro da Fazenda. Simonsen, que apoia Dornelles, dirige mais farpas ao ministro do Planejamento, João Sayad. Entre os que estarão no "meio-campo", dois economistas conhecedores da máquina burocrática: Ibrahim Eris e Luís Paulo Rosenberg. Ambos trabalharam com Delfim Netto e continuam a dar assistência ao governo, por intermédio de uma empresa de consultoria.

Eris, por sinal, é apontado por

técnicos do próprio governo como uma das pessoas que mais têm apresentado "idéias perversas" na área de Imposto de Renda contra os assalariados. Quanto a Luís Paulo Rosenberg, tem preocupações com a questão do desemprego e da distribuição da renda. Mas quem o conhece o aponta como essencialmente técnico — serve a quem o procura em sua empresa de consultoria, não estando vinculado partidariamente sequer ao PDS, onde se encontra "estacionado" Delfim Netto, seu antigo mestre e chefe.

INSATISFAÇÃO

Além das naturais divergências durante a reunião, é de se prever também colocações diferentes entre os próprios ministros. Pedro Simon, da Agricultura, em público elogia o ministro da Fazenda, Francisco Dornelles, que estaria liberando todas as verbas necessárias ao setor agrícola. Informalmente, porém, as informações dão conta de que Simon costuma apontar Dornelles como um "ortodoxo" que deve ser expurgado do governo.

Por sua vez, Sayad e Dornelles

não dançam a mesma música: Dornelles, refletindo o pensamento da maioria do empresariado, defende corte de despesas do governo ao invés de aumento de impostos. E Sayad, mais estatizante, sugere aumento da carga tributária. Divergem também em relação à estratégia da renegociação da dívida externa.

Sabe-se que Sayad procura refletir dentro do governo a insatisfação de uma parcela do PMDB com os rumos da política econômica. Na área da Fazenda, onde todos esses movimentos costumam ser identificados logo, a certeza é de que, seja quem for o ministro da Fazenda, não há outro remédio a adotar na questão das finanças públicas.

O próprio senador Fernando Henrique Cardoso, líder do governo no Congresso, confessou: se Tancredo Neves fosse vivo, a política econômica seria ainda mais ortodoxa e conservadora. O compromisso de Tancredo era o de sanear o caixa do governo.

Na prática, portanto, a reunião de hoje, convocada pelo presidente José Sarney, vai servir para uma medição de forças dentro da Aliança Democrática. Sarney ouvirá diferentes economistas, de correntes diversas, e sentirá de fato o que deve ser corrigido na política econômica. Final, é de se registrar que até agora houve a imposição meramente de uma estratégia preventiva para evitar uma hiperinflação. A política econômica mesma só ficará clara a partir do programa de ajuste com o FMI, com a definição dos métodos de combate ao déficit público.

(Brasília/Agência Estado)